



**NA**

NÚCLEO  
DE INVESTIGAÇÃO  
ARQUEOLÓGICA

**ERA**  
ARQUEOLOGIA

**11**

# ***APONTAMENTOS***

*de Arqueologia e Património*

ABR 2016

ISSN: 2183-0924

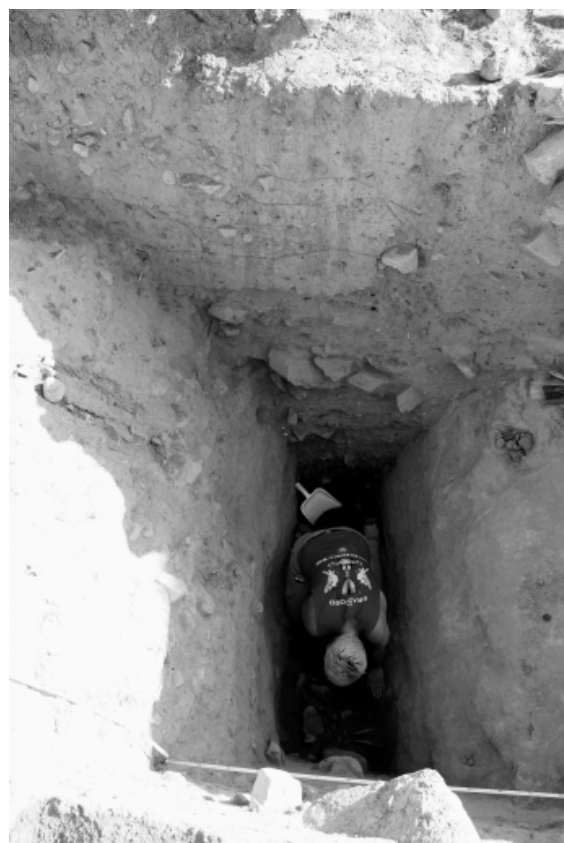
# ***APONTAMENTOS***

*de Arqueologia e Património*

11

ABRIL

2016



## ÍNDICE

EDITORIAL ..... 07

António Carlos Valera  
 NOTA SOBRE UMA DECORAÇÃO INCOMUM NUM  
 RECIPIENTE DOS PERDIGÕES ..... 09

António Carlos Valera, Ever Calvo e Patrícia Simão  
 ENTERRAMENTO CAMPANIFORME EM FOSSA DA  
 QUINTA DO CASTELO 1 (SALVADA, BEJA) ..... 13

Lucy Shaw Evangelista, Miguel Lago e Lúcia Miguel  
 A ANTA DOS ENXACAFRES NO CONTEXTO DO  
 MEGALISTISMO DA REGIÃO DE GRÂNDOLA E  
 SANTIAGO DO CACÉM: UMA PRIMEIRA NOTA ..... 21

Margarida Mendonça e António Faustino Carvalho  
 A COMPONENTE EM PEDRA LASCADA DOS  
 MONUMENTOS FUNERÁRIOS 1 E 2 DO  
 COMPLEXO ARQUEOLÓGICO DOS PERDIGÕES  
 (REGUENGOS DE MONSARÁZ) ..... 33

Eliana Goufa e Francisco Rosa Correia  
 A INDÚSTRIA LÍTICA DO CASTRO DA COLUMBEIRA  
 (BOMBARRAL, PORTUGAL): DADOS PRELIMINARES  
 E PERSPECTIVAS FUTURAS ..... 47

Rui Ramos  
 QUINTA DE SÃO LOURENÇO 2:  
 UM SÍTIO DE FOSSAS NO CONCELHO DE BRAGANÇA ..... 53

Elisa de Sousa e Marina Pinto  
 A OCUPAÇÃO DA IDADE DO FERRO NA COLINA  
 DO CASTELO DE SÃO JORGE (LISBOA, PORTUGAL):  
 NOVOS DADOS DAS ESCAVAÇÕES REALIZADAS  
 NA RUA DO RECOLHIMENTO / BECO DO LEÃO ..... 59

Elisa de Sousa, Alexandre Sarrazola e Inês Simão  
 LISBOA PRÉ-ROMANA: CONTRIBUTOS DAS  
 INTERVENÇÕES ARQUEOLÓGICAS NA  
 RUA DA MADALENA .....69



## EDITORIAL

O presente volume da “Apontamentos” volta a juntar artigos produzidos no âmbito da investigação realizada pelo NIA-ERA, artigos resultantes de trabalhos levados a cabo pelo departamento técnico da ERA e artigos derivados de colaborações externas. Textos que expõem resultados de trabalhos de campo, de investigação e de trabalhos académicos de estudo de colecções artefactuais.

Num tempo em que muitos se deixam aprisionar pelo sistema de publicações arbitradas e indexadas, na busca dos “pontos” que permitam vingar no terreno altamente competitivo em que a investigação hoje vive, pequenos e despreziosos projectos como este continuam a publicar informações e ideias úteis, revelando que há espaço, diria mesmo que há necessidade, para uma pluralidade editorial. Tal utilidade aparece bem representada, por exemplo, na expressão que a “Apontamentos” já conseguiu atingir, visível no número de consultas, “downloads” e citações, tanto a nível nacional como internacional.

Continuamos, pois, seguros que com este contributo editorial não só estamos a cumprir com uma obrigação inerente à nossa actividade, mas também a concorrer para um ambiente de maior diversidade e liberdade, essencial para o desenvolvimento de qualquer ciência e área profissional.

*António Carlos Valera*

# A ANTA DOS ENXACAFRES NO CONTEXTO DO MEGALITISMO DA REGIÃO DE GRÂNDOLA E SANTIAGO DO CACÉM: UMA PRIMEIRA NOTA<sup>1</sup>

Lucy Shaw Evangelista<sup>2</sup>  
Miguel Lago<sup>3</sup>  
Lúcia Miguel<sup>3</sup>

## Resumo:

Neste artigo pretendemos dar nota da intervenção arqueológica realizada na Anta dos Enxacafres, Santiago do Cacém. Os resultados permitiram a identificação de uma estrutura funerária em cujo *tumulus* se identificou, para além do monumento principal, de tamanho médio e composto por câmara funerária poligonal e corredor pouco demarcado, uma pequena estrutura escavada na rocha interpretada como uma possível sepultura, selada parcialmente por uma laje.

Os materiais e a arquitectura do monumento principal apontam para uma cronologia de utilização do final do IV milénio AC, com uma reutilização nos finais do III milénio AC. A ausência total de espólio de qualquer tipo na estrutura mais pequena não permite a atribuição de uma cronologia fiável.

A identificação deste monumento, já no interior da serra de Grândola, abre renovadas possibilidades de investigação no que respeita megalitismo regional, em particular em relação a uma segunda linha mais interior relativamente à costeira, onde se localizam a maioria dos sepulcros deste tipo conhecidos nesta região.

## Abstract:

**The Enxacafres dolmen in the context of the megalithism of Grândola and Santiago do Cacém region: a preliminary report.**

In this article we intend to describe the archaeological intervention performed at the Enxacafres dolmen, Santiago do Cacém. The results allowed the identification of a medium sized funerary structure consisting of a polygonal chamber and small corridor. Alongside the main monument and integrated in the same tumulus, another structure partially sealed by a slab was identified and interpreted as a possible grave.

The identified artifacts and the architecture of the main monument broadly place its construction and first funerary depositions around the end of the 4th millennium BC. After a period of abandonment, the monument was reused, sometime around end of the 3rd millennium BC. The other small structure yielded no information regarding its chronology or specific use.

Most megalithic monuments in the area were identified next to the coastal line. The discovery of this monument, in the Grândola hinterland opens new possibilities for the investigation of the megalithic phenomenon in this region.

## 1. Introdução

Os trabalhos de escavação arqueológica integral levados a cabo na Anta dos Enxacafres, concelho de Santiago do Cacém, um projecto conjunto da OMNIKINOS/ERA Arqueologia, inseriram-se na estratégia de aplicação de medidas de minimização de impactes sobre o património arqueológico decorrentes da implementação do projecto de construção do Lanço A – IP8 – Nó do Roncão (IC33)/ Nó de Grândola (IP1), que integrava o projecto da Subconcessão do Baixo Alentejo, cujas obras foram interrompidas por decisão do estado português. O monumento localiza-se, em relação ao eixo da via, a Noroeste do Km 2+075.

Os trabalhos realizaram-se durante o Outono e Inverno de 2010/2011.

O sepulcro localizava-se no topo de uma pequena elevação, a que se acedia por uma estrada de terra batida partindo do lado Este da povoação Cruz de João Mendes.

A intervenção arqueológica e os seus resultados permitiram a identificação de uma estrutura funerária em cujo tumulus se implantavam, para além do sepulcro principal, de tamanho médio e composto por câmara funerária poligonal com oito esteios conservados e corredor pouco demarcado, uma pequena estrutura escavada na rocha, selada parcialmente por uma laje e interpretada como uma possível sepultura.

Os materiais e a arquitectura do monumento principal apontam para uma cronologia de utilização enquadrável no

<sup>1</sup> Artigo redigido de acordo com a antiga ortografia.

<sup>2</sup> NIA - Era Arqueologia, S.A.; CIAS (Fctuc – UC); ICAREHB (UAig.) ([lucyevangelista@era-arqueologia.pt](mailto:lucyevangelista@era-arqueologia.pt))

<sup>3</sup> Era Arqueologia, S.A. ([miguellago@era-arqueologia.pt](mailto:miguellago@era-arqueologia.pt))  
[luciareginamiguel@gmail.com](mailto:luciareginamiguel@gmail.com))

final do IV milénio AC, com uma reutilização nos finais do III milénio AC. A total ausência de espólio na estrutura de menores dimensões não permite a atribuição de uma cronologia fiável para a sua utilização.

## 2. Localização Geográfica

A Anta dos Enxacafres localiza-se administrativamente no limite Este do Concelho de Santiago do Cacém, Freguesia de São Francisco da Serra, próximo do lugar da Cruz de João Mendes, com as seguintes coordenadas:

M - 42874.50  
P - 17513.40  
Z - 268.00

## 3. Enquadramento Geológico e Implantação na Paisagem

Em termos geológicos, este local é caracterizado pela presença de rochas do Grupo “Flysch” do Baixo Alentejo, pertencentes à Formação de Mértola (HMT). Esta formação carbónica é fundamentalmente representada por grauvaques de granulometria média cinzentos-esverdeados, mal calibrados, alternando com xistos cinzentos a negros carbonosos e argilosos, e, mais raramente, com conglomerados, com clastos dispersos em matriz grauvacóide (Miguel et al, 2012).



Figura 2 - Vista geral do monumento antes e após o processo de limpeza.

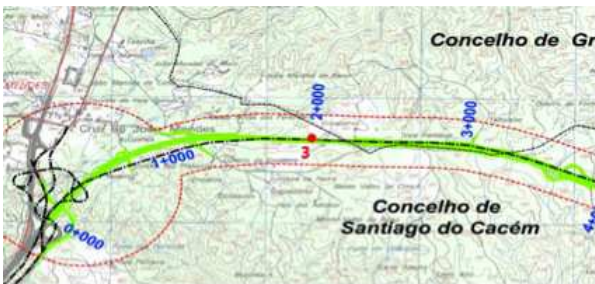
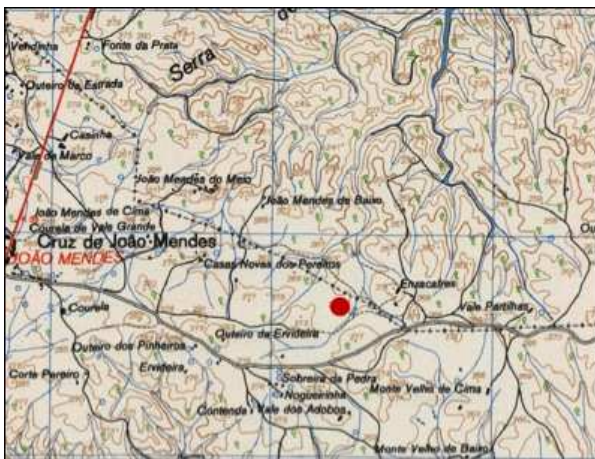


Figura 1 – Localização da Anta dos Enxacafres na CMP, Nº 506, esc. 1:25 000 e no traçado geral do Lanço A – IP8.

Na zona envolvente do local ocorrem xistos e grauvaques, medianamente a muito alterados e muito fracturados subjacentes a uma camada de solos, com espessura inferior a 20cm, de natureza essencialmente argilosa. No local de implantação do sepulcro ocorrem grauvaques de cor cinzenta esverdeada, com clastos quartzíticos, de grão médio, em matriz siliciosa, que foram extraídos os esteios do dólmen.

Os blocos utilizados para os esteios da anta apresentam cor esverdeada, ocorrendo, em princípio associados a uma zona de charneira de dobra, concordante com o tipo de metamorfismo que está na génese do Grupo “Flysch” do Baixo Alentejo, do tipo compressivo.

Em relação à geomorfologia da zona, a região onde se localiza este monumento funerário insere-se fundamentalmente na unidade geomorfológica designada por Serras Litorais, que engloba as serras de Cercal e Grândola. As serras de Cercal e Grândola formam um maciço marginal, alongado no sentido grosseiramente N-S por cerca de 60 km, que acompanha a planície litoral e é limitada, a nascente e a norte, pelos sedimentos recentes da bacia do Sado. Para Este destas elevações verifica-se uma diminuição de altitude gradual e progressiva dos terrenos paleozóicos, com pequenos retalhos de plio-quadernário,

correspondendo a uma superfície de aplanamento degradada com inclinação para ESE.

A paisagem em que se implanta o monumento é ondulante, constituída por pequenos cabeços sucessivos que de forma monótona se vão sucedendo até perder de vista. Nesse contexto, o monumento não se implanta numa localização particularmente saliente ou sequer destacada relativamente à sua envolvente.

#### 4. A arquitectura da Anta dos Enxacafres

A arquitectura geral da Anta dos Enxacafres enquadra-se nos modelos tradicionais do megalitismo alentejano, incluindo uma mamoa de terra e pedra, uma câmara funerária e respectivo corredor de acesso, sendo que no esquema arquitectónico se insere uma componente semi-subterrânea, em que foi implantada a câmara e o corredor.

Apresentava uma câmara de forma poligonal, de tamanho médio, e um corredor pouco demarcado. Dos onze esteios originais, sete na câmara e quatro no corredor apenas se preservaram oito, sendo cinco na câmara e três no corredor. O corredor do monumento encontrava-se orientado a nascente, sensivelmente a 99°, de acordo com a esmagadora maioria dos monumentos megalíticos funerários conhecidos no actual território alentejano.

A estrutura da mamoa apresentava-se igualmente afectada. As suas componentes preservadas revelaram uma estrutura com um diâmetro de cerca de doze metros, composta por blocos de grauaque e com uma demarcação externa através de pedras colocadas em cutelo e coberta por uma camada argilosa.



Figura 3 – Vista geral do monumento.

##### 4.1 Câmara

A câmara funerária era originalmente constituída por sete esteios, de grauaque local, dos quais se preservaram apenas cinco, faltando o da cabeceira (apesar de terem sido identificado o seu alvéolo de implantação e respectivos calços) e um de ligação ao corredor, do seu lado norte.

Os principais problemas de preservação observados nos esteios estavam relacionados com uma colonização biológica de grandes dimensões, composta por um sobreiro cujas raízes prendiam três esteios; líquenes de cor branca, amarela e negra, visíveis nas áreas que estavam ao ar livre aquando do início dos trabalhos sobre o monumento, representando cerca de 40 % da superfície total.

Tabela 1 – Descrição dos esteios da câmara.

Esteio	UE	Forma	Altura	Largura	Estado
1	4	Sub-rectangular	1,50 m	0,28 m (topo) 0,29 m (base)	Fracturado
2	5	Sub-rectangular	1,22 m	0,83 m (topo) 0,32 m (base)	Fracturado
3	6	Sub-rectangular	1,46 m	1,20 m (topo) 0,32 m (base)	Fracturado
4	7	Base afeiçãoada	1,17 m	0,64 m (topo)	
8	8	Ovalado	1,54 m	0,85 m (topo) 0,30 m (base)	Fracturado

Tabela 2 – Descrição dos esteios do corredor.

Esteio	UE	Base	Altura	Largura (base)	Estado
6	24	Em V	1,10 m	0,77 m	Fracturado
7	25	Em V	0,29 m	0,70 m	Bastante Fracturado
8	35	Em V	1,15 m	0,20 m	Mau Estado



Figura 4 – Vista geral da câmara e corredor.



Figura 6 – Pormenor do limite do *tumulus*.



Figura 5 – Vista geral do corredor.



Figura 7 – Pormenor do *tumulus*.

A grande maioria dos esteios apresentava lascagem com separação parcial ou total de elementos. Esta patologia é típica das rochas de natureza xistosa quando expostas a ciclos de variações de humidade e temperatura significativos.

Também os depósitos de terra provenientes do terreno em que o monumento se implantava e acumulados nas zonas de lascagem e fractura dos esteios potenciou a degradação da estrutura arquitectónica.

#### 4.2 Corredor

O corredor estava preservado em quase toda a sua extensão. Não excedia os 3m de comprimento, nem uma largura de 1.5m. A micro-sondagem efectuada em fase de diagnóstico sugeria que a base do corredor se encontrava a cerca de 30 cm de profundidade, informação confirmada durante os trabalhos de escavação integral. Dos quatro esteios presentes originalmente, restavam *in situ* apenas 3.

#### 4.3 *Tumulus*

O *tumulus* [11] era constituído por pedra e terra [2] e envolvia a câmara e o corredor.

Sofreu, ao longo dos anos, o efeito dos trabalhos agrícolas intensivos levados a cabo naquele terreno antes do uso do solo se limitar à plantação de sobreiros.

Apesar de pouco expressivo nas áreas preservadas, foi possível proceder à delimitação da estrutura do *tumulus* e à sua caracterização geral. O enrocamento de base era mais evidente junto aos esteios onde se encontrava envolvido por terras mais argilosas do que aquelas que se identificaram nas suas áreas envolventes.

A estrutura pétreia estendia-se, em média, 4m em redor das áreas contíguas à câmara funerária. Surgia relativamente preservada ao nível da sua base de arranque, apresentando uma espessura não superior a 0,5m.



Nas zonas onde este se encontrava em melhor estado de preservação, foi possível distinguir a existência de lajes posicionadas em forma de cutelo a marcar o limite da estrutura. O depósito de cor alaranjada e compacto [2] envolvia e cobria as pedras utilizadas na construção da mamoa. Incluía algumas lascas de sílex e pequenos blocos de quartzo.

O tumulus cobria directamente o substrato rochoso, que não apresentava qualquer tipo de regularização prévia à sua construção.

### 5. A utilização do sepulcro e seu faseamento

A primeira fase considerada corresponde à construção do monumento. Nesse sentido, foram abertos no substrato rochoso alvéolos para a implantação dos esteios, na maioria dos casos individuais, com excepção do esteio do corredor [24], para o qual se identificaram somente os calços. Apenas a abertura do alvéolo [27] foi realizada de forma a englobar dois esteios do corredor [4] e [35], assim como o da câmara lateral (sul). Após a inserção dos esteios nos alvéolos, foram colocados calços para preenchimento dos espaços vazios. A escavação arqueológica demonstrou que nalgumas situações os calços foram colocados anteriormente à implantação dos esteios nos alvéolos, como forma de preparação e estabilização dos mesmos. Os alvéolos dos esteios do lado norte do monumento eram os que apresentavam uma menor profundidade, tendo sido desta forma colmatados pela existência de calços de maior dimensão. Foi ainda verificado que alguns dos esteios se apresentavam afeixoados na base para assegurar um melhor encaixe do mesmo no seu alvéolo.

Em termos de materiais arqueológicos atribuíveis a esta fase, apenas foram recolhidos alguns restos de talhe no enchimento de um dos alvéolos [28].

As primeiras utilizações funerárias terão decorrido pouco tempo após a construção do sepulcro. No entanto, dadas as afectações resultantes de acções enquadradas nas subsequentes fases de uso, desses momentos iniciais restaram poucos vestígios.

De facto, a segunda fase [23] definida está patente num depósito do qual foram recolhidos alguns elementos de pedra talhada (lâminas e uma ponta de seta) e um pequeno vaso de bordo simples, encontrado praticamente inteiro mas fragmentado *in situ*. Nestes contextos, não foram identificados quaisquer vestígios de ossos humanos.

A terceira fase foi definida a partir de vestígios relacionados com um momento de abandono e/ ou destruição do monumento e atestada pela presença de vários pequenos derrubes [26] e [42] que poderão corresponder a uma remodelação da arquitectura original do monumento.

A quarta fase terá sido prolongada no tempo, a avaliar pelos materiais registados, [19], que terão alguma mistura com materiais mais antigos. A ela associados foram identificadas uma placa de xisto decorada inteira e fragmentos de outra,

um fragmento de lâmina de cobre, uma taça em calote com decoração campaniforme incisa integrável no grupo de Palmela, lâminas retocadas e segmentos de lâminas em sílex, pontas de seta de base côncava, machados de pedra polida (um deles de duplo gume) e alguma indústria microlítica em sílex.



Figura 8 – Vista Geral após remoção dos esteios.



Figura 9 – Pormenor de calços de esteio do corredor.



Figura 10 – Pormenor dos calços do esteio de cabeceira.



Figura 11 – Topo da [23].



Figura 12 – Vaso simples [23].



Figura 13 – Derrubes [26] [42].

Este conjunto artefactual pode ser revelador de uma longa utilização temporal do monumento, sendo desse facto evidência a integração de elementos funerários mais antigos na sua reutilização em época campaniforme. O aparente repolimento registado na placa de xisto, quer na sua face superior quer de um dos seus lados, pode apontar nesse sentido. No entanto, tais diferentes momentos de uso do sepulcro nesta fase, em que não foram identificados vestígios de ossos humanos, não tem expressão clara na estratigrafia observada pelo que se torna difícil avançar com atribuições cronológicas finas.

A última fase de vida da Anta dos Enxacafres (Fase 5) foi identificada no interior da câmara funerária, com prolongamentos para a zona do corredor e corresponde à sua fase de abandono e à sua utilização como zona de despejo de blocos pétreos provenientes do tumulus, no âmbito da actividade agrícola concretizada no local. Por entre os blocos pétreos surgiram alguns elementos de pedra talhada (lâminas, lamelas e ponta de seta) provavelmente fruto dos revolvimentos a que os depósitos superiores do monumento (câmara funerária e corredor) foram sujeitos.



Figura 14 – Vista geral da deposição junto aos esteios do corredor [19].

## 6. Análise Paleoambiental

Dada a pertinência da realização de estudos paleoambientais em depósitos recolhidos nas estruturas escavadas durante os trabalhos de arqueologia da Anta dos Enxacafres, foi realizada uma visita ao local por parte da Dra. Randi Danielsen do Laboratório de Arqueociências (do então IGESPAR, IP) com vista à recolha de amostras para posterior análise laboratorial.

Os resultados preliminares incidiram numa fracção de duas das amostras recolhidas. Uma, retirada do interior da câmara do sedimento correspondente à primeira fase de utilização funerária do monumento [23] e outra do interior do vaso recolhido 6-10 cm abaixo superfície daquele contexto.

Ambas as amostras continham sementes. Foram identificadas duas espécies nesta análise preliminar: sementes de hipericão (*Hypericum*) e de quenopódio (*Chenopodium*). Os sedimentos também integram muitos fragmentos de ossos e de conchas. A amostra do vaso continha uma concentração de conchas mais elevada do que a amostra do interior da câmara. O resultado da análise dos macrofósseis mostrou claramente a boa preservação de sementes nos sedimentos deste sítio arqueológico.

Assim, e apesar de preliminar, esta análise paleobotânica foi reveladora do potencial informativo que este tipo de abordagens pode ter, sobretudo no que se refere às tradições funerárias e modos de vida das populações, podendo fornecer dados importantes sobre a alimentação (o quenopódio foi utilizado como alimento em outras partes da Europa, e por exemplo, sementes desta planta foram encontradas no estômago do homem do Tollund) e sobre a utilização de plantas para outros efeitos (medicinais, etc.).

## 7. Desmonte dos Esteios

Os trabalhos de desmonte dos esteios da câmara e corredor do monumento foram realizados no final dos trabalhos de escavação arqueológica. Estes trabalhos possibilitaram, por



Figura 15 – Pormenor de acções de referênciação e desmonte dos esteios.

um lado, preservar a referida materialidade, permitindo a sua remontagem futura e a total exposição dos alvéolos de implantação dos esteios aprofundando assim a sua caracterização. A realização de tais trabalhos assentou num conjunto articulado de tarefas de modo a garantir a preservação dos elementos de pedra bem como possibilitar uma remontagem correcta dos elementos da estrutura.

Após a avaliação do estado de preservação geral do monumento foi levada a cabo uma acção de referênciação e preservação da integridade dos esteios. A referênciação foi realizada através do preenchimento de fichas de objecto arqueológico devidamente protegidas e presas aos esteios com fita-cola. A fita-cola foi igualmente utilizada para manter as lascas em risco de se soltarem no local original. Como reforço foi utilizada corda de nylon.

O desmonte efectivo dos esteio realizou-se através do levantamento dos esteios da anta, por intermédio de meios manuais (cintas, alavancas e cunha) e mecânicos (apoio de retro escavadora) para tracção e suspensão dos esteios.

O aspecto mais complexo desta fase foi o retirar dos esteios que se encontravam presos pela raiz do sobreiro. Nestes caso foi necessário cortar e desbastar as principais raízes bem como arrancar com a retro escavadora a raiz de modo a desencaixar um elemento que estava em grande parte já sob a raiz.

Terminado o desmonte dos esteios do monumento procedeu-se a uma limpeza prévia dos sedimentos mais desagregados. Esta foi realizada numa primeira fase a seco e depois com água e escovagem simultânea. Com estes trabalhos removeram-se os depósitos terrosos acumulados sobre as superfícies.

Seguiu-se um a tratamento de biocida. Este foi realizado a partir da aplicação por pincelagem de uma solução de Preventol R 80. No final os ortoestatos foram cobertos com tela. Pretendeu-se, assim, exterminar a colonização biológica que na sua grande maioria desaparece com a ausência de luz.

Os esteios foram depois transportados e depositados nas instalações da Câmara Municipal de Santiago do Cacém, tendo ficado colocados sobre calces de madeira e protegidos como anteriormente referido.

## 8. Sepulcro II dos Enxacafres

Durante os trabalhos arqueológicos levados a cabo na Anta dos Enxacafre foi identificada uma possível sepultura integrada na mamoa do monumento, selada parcialmente por uma laje.

Esta sepultura, inicialmente escavado na rocha, apresentava uma forma oval, com paredes moderadamente regulares e cerca de 0.60 m de profundidade máxima.

Após a sua construção e eventual uso, esta sepultura terá passado por uma fase de abandono e/ou destruição expressa na presença de um derrube composto por blocos pétreos de dimensões variadas [43]. O facto de alguns destes elementos se encontrarem afeiçãoados, aponta para a sua provável utilização como pequenos esteios, integrados na arquitectura original do monumento.



Figura 16 – Sepilcro II.



Figura 17 – Plano final do Sepulcro II.



Figura 18 – Sepulcro II [43].

A estrutura terá sido reutilizada após a sua reformulação arquitectónica. Assiste-se desta forma à abertura de uma pequena vala no interior do monumento, a qual é preenchida por um depósito muito argiloso que apresentava uma quantidade significativa de carvão.

Após o enchimento desta pequena vala, o monumento terá sido novamente selado por uma laje rodeada por um alinhamento pétreo.

Apesar do carácter aparentemente funerário desta estrutura a ausência total de materiais arqueológicos e elementos osteológicos no seu interior dificulta a sua interpretação.

## 9. Os materiais da Anta dos Enxacafres

### 9.1 Materiais da Fase 2 - UE 23

Corresponde aos primeiros momentos de deposição funerária na câmara. Foram recolhidos alguns elementos de pedra talhada (2 lâminas e uma ponta de seta) e um pequeno vaso hemisférico de bordo simples, encontrado praticamente inteiro mas fragmentado *in situ*.

#### Pedra Talhada

##### Ponta de Seta - nº 53

Ponta de seta em sílex, inteira, triangular de base côncava com secção longitudinal recta com extremidade distal ligeiramente arqueada e secção transversal triangular. Comprimento máximo de 2cm, até à base de 1.8 cm, largura máxima de 1cm e espessura máxima de 0.15 cm.

##### Fragmento de Lâmina - nº56

Fragmento mesial de lâmina de sílex de secção longitudinal recta e secção transversal trapezoidal. Comprimento máximo de 3.8 cm, largura máxima de 1.9cm, espessura máxima de 0.5 cm.

##### Fragmento de Lâmina - nº63

Fragmento distal de lâmina de sílex de secção longitudinal recta extremidade distal ligeiramente arqueada e secção transversal trapezoidal. Comprimento máximo de 2.8 cm, largura máxima de 1.7 cm, espessura máxima de 0.5 cm.

### 9.2 Materiais da Fase 4 - UE 19

Corresponde ao último momento de utilização funerária do monumento [19] com a presença de uma pequena taça de cerâmica com decoração incisa, tipo Palmela. Integra elementos materiais aparentemente mais antigos que poderão ter sido reutilizados nesta fase. Apresentamos uma síntese descritiva dos principais artefactos identificados.

#### Pedra Talhada

##### Ponta de Seta - nº32

Ponta de seta em sílex, inteira triangular de base côncava com secção longitudinal recta e secção transversal triangular. Comprimento máximo de 2.9 cm, até à base de 2.5 cm, largura máxima de 1.9 cm e espessura máxima de 0.2 cm.

##### Fragmento de Lâmina - nº42

Fragmento mesial de lâmina de sílex de secção longitudinal recta e secção transversal trapezoidal. Comprimento máximo de 3.3 cm, largura máxima de 1.7 cm, espessura máxima de 0.4 cm.

#### Pedra Polida

##### Machado - nº 38

Trata-se de um machado completo em anfibólito. Apresenta um comprimento de 22.5 cm, uma largura máxima de 4.8 cm e uma espessura máxima de 2.8 cm. A secção transversal é quadrangular, a longitudinal é sub trapezoidal

convergente para o talão. O polimento é essencialmente no gume com ligeira invasão dos flancos. Gume em linha simples, simétrico, convexo e intacto.

#### Machado - nº 34

Pequeno machado completo de uma matéria-prima de indeterminada. Apresenta um comprimento de 14.5, uma largura máxima de 3.5 cm e uma espessura máxima de 1.5 cm. A secção transversal é quadrangular e a longitudinal convergente para o talão. O polimento é integral. Gume em linha simples, convexo e intacto.

#### Machado (2 gumes) – nº 39

Trata-se de um objecto completo em anfibolito com duplo gume. Apresenta um comprimento de 15 cm, uma largura máxima de 2.5 cm e uma espessura máxima de 1.5 cm. A secção transversal é sub circular, a longitudinal é paralela convergente para os dois gumes. O polimento é integral. Duplo gume simples, convexo e intacto.

#### Placas de Xisto

##### Placa de Xisto - nº 37

Trata-se de uma placa em xisto completa onde já quase não são visíveis os motivos decorativos. Apresenta uma forma trapezoidal, altura de 15 cm e uma estrutura decorativa bipartida que se encontra apenas numa das faces da placa. Tem uma perfuração única, cónica e ligeiramente descentrada. A decoração é apenas claramente perceptível na zona do topo da placa. O lado esquerdo apresenta quatro bandas de tendência horizontal/descendente preenchidas com reticulado. Do lado direito apenas é visível uma banda, do mesmo tipo. A gola, triangular é formada por linhas duplas de ambos os lados.

Em relação ao corpo da placa, apresenta três faixas horizontais bem demarcadas onde é possível distinguir, na do fundo, três triângulos, não preenchidos. A placa parece resultar de uma reutilização. A aresta direita parece ter sido re-polida o que explica não só a diferença no comprimento das bandas do lado direito e as do lado esquerdo como o carácter descentrado da perfuração.

##### Fragmentos de Placa de Xisto - nº 5, 12 e 15 (e nº 14?)

Trata-se de um fragmento da parte superior de uma placa em xisto. Os três fragmentos colam entre si. Apresenta uma forma tendencialmente trapezoidal e uma estrutura decorativa bipartida que se encontra apenas numa das faces da placa. Tem visível apenas uma perfuração, cónica. A decoração é claramente perceptível na zona do topo da placa que sobreviveu, o lado direito. Pode observar-se uma banda horizontal preenchida com reticulado encostada ao topo superior da placa. A gola, triangular e curta é formada por uma linha única. O topo está separado do corpo por uma faixa horizontal estreita preenchida com motivo espinhado. No corpo da placa é visível apenas a primeira faixa horizontal bem demarcada onde se formam triângulos preenchidos com linhas diagonais.

#### Cerâmica

##### Fragmentos de vaso campaniforme - nº 17 e 20

Fragmentos de taça com decoração incisa, de tipo Palmela. Apresenta bandas de linhas finas paralelas intercalando com bandas reticuladas. A banda mais perto do bordo e a última apresentam, a limitar respectivamente o limite superior e inferior da zona decorada, uma linha quebrada envolvendo linhas diagonais.

Tabela 3 – Materiais arqueológicos.

Artefacto	Nº Artefacto por Unidade Estratigráfica												
	UE 1	UE 2	UE3	UE 9	UE 11	UE 15	UE 18	UE 19	UE 21	UE 23	UE 28	UE 40	UE 41
Bordo								5		1			
Carena								1					
Bojo	2	8	4	2	10		1	28		11	1	1	
Vaso										1			
Cerâmica Campaniforme								1					
Lâmina Sílex		2	2					1	1	2			
Lamela Sílex		2	1	1	1							1	
Núcleo Sílex		2		1									
Lasca Sílex/Esquirola		2		4	2				1		1		
Restos Talhe		2	3	2	2			3			3		1
Ponta de Seta			1					1	1	1			
Lasca Sílex													
Machado								3					
Enxó													
Placas de Xisto								1					
Fragmentos Placa Xisto								4					
Seixos				1	2	1							
Quartzo	6	27	10	32	48								
Metal		1											



Figura 19 – Materiais da Fase 2 [23]: vaso hemisférico de bordo simples (nº62), segmentos de lâmina (nº 56, nº63) e ponta de seta (nº53).



Figura 19 – Materiais da Fase 4 [19]: pedra polida (nº 38, nº 34, nº39), placas de xisto (nº37, nºs 5, 12 e 15), recipiente campaniforme.

## 10. Nota Final

Para além de um grau de preservação bastante elevado, imperceptível anteriormente devido ao facto do coberto vegetal intenso tornar impossível qualquer leitura espacial e análise específica, esta anta reveste-se de uma importância acrescida pelo facto destes monumentos não serem comuns na região. De facto, o megalitismo, um fenómeno cultural de enorme importância para a maioria das comunidades da pré-história recente do actual território português é, no Sul de Portugal, bem conhecido nas regiões mais interiores, nomeadamente nos distritos de Évora e Portalegre, evidenciando uma forte tradição funerária atestada por uma densa rede de monumentos; em contrapartida, no Alentejo Litoral, com características culturais menos conhecidas porque menos estudadas, a tradição do megalitismo funerário é menos expressiva e, de momento, menos densa em termos numéricos, particularmente na área envolvente ao monumento de Enxacafres.

A identificação deste monumento, já no interior da serra de Grândola abre renovadas possibilidades de investigação ao megalitismo regional, em particular em relação a uma segunda linha, mais interior, relativamente à costeira onde se localizam a maioria dos sepulcros deste tipo conhecidos nesta região.

Trata-se de um monumento de fundação seguramente neolítica, mas com uma longa diacronia de utilização, que se integra no grupo megalítico da serra de Grândola, situando-se sensivelmente de forma equidistante entre os núcleos de monumentos do Lousal e dos Montes de Algeda/Boiças a Este, do núcleo de Grândola, a nordeste, e do núcleo de monumentos e grutas naturais com utilização funerária da zona de Melides, a Oeste (Leisner e Leisner, 1959; Ferreira et al., 1993). A sua reutilização final, com campaniforme inciso, poderá ser relacionada com outras que se verificam neste grupo megalítico, como evidenciam os monumentos da Pedra Branca (a cerca de 9km a Oeste de Enxacafres) com campaniforme inciso, ou Lousal 1, que forneceu um braçal de arqueiro e uma ponta tipo Palmela.

A sua descoberta numa área geográfica mal conhecida em termos arqueológicos, ocorreu no âmbito de um processo de avaliação de impactes ambientais, sendo por isso mesmo reveladora das limitações dos programas de investigação implementados anteriormente. É evidente que uma arqueologia das paisagens assim (des)enquadrada tem sempre limitações decorrentes dos questionários prévios que são tendencialmente reactivos e consequência da aplicação de medidas de minimização muito localizadas, neste caso a um traçado definido para uma infra-estrutura rodoviária. Sem enquadramento concreto em projectos de investigação fundamental, estes processos arqueológicos podem contudo ser assumidos como geradores de novas perguntas e motivadores de novos pontos de partida para projectos de investigação a implementar.

Apesar de no corredor da área de trabalho em que este sepulcro foi descoberto não terem sido identificados outros

monumentos do mesmo tipo, o seu estudo decorrente de uma escavação arqueológica integral, incluindo a remoção de todos os seus elementos arquitectónicos, é demonstrativo das potencialidades que encerra o território genericamente enquadrado pela Serra de Grândola. Espaço de fronteira entre o litoral e interior alentejano, continua a ser escassamente conhecido, devendo contudo de futuro ser objecto de maior atenção por parte de investigadores.

## Bibliografia

- BARKER, P. (1993), *Techniques of Archaeological Excavation*, London, Routledge.
- FERREIRA, Carlos Jorge et al. (1993), *O Património Arqueológico do Distrito de Setúbal. Subsídios para uma Carta Arqueológica*, Associação de Municípios do Distrito de Setúbal, Setúbal.
- LEISNER, G. e V. (1959), *Die megalithgrber der iberischen halbinsel: der westen*, Berlin, Madrider Forschungen I, 2.
- MIGUEL, LÚCIA et al. (2012), *Relatório Final Escavação Integral da Anta dos Enxacafres, Santiago do Cacém, Omniknos – Arqueologia, Valorização do Património e da Cultura, Lda.*